

DE QUE TEM FOME O COIOTE?

Wanderson Lima

Repetição e prazer

As leis de variação de enredo, em alguns gêneros narrativos, são massacrantemente limitadas. A impressão que temos, nestas formas narrativas, é que a natureza é que age nos personagens e não os personagens que agem sobre a natureza. Tudo parece está previsto, como se aquelas estruturas e padrões narrativos nos precedessem e estivessem depositadas em algum baú misterioso, o nosso inconsciente, por exemplo – como creem estruturalistas e junguianos. Trata-se, no entanto, de uma previsibilidade que, paradoxalmente, não apenas nos irrita como também nos causa prazer. Chapeuzinho Vermelho deveria correr do Lobo, mas em vez disso fica jogando conversa fora – isto nos irrita mas, também, isto é que faz Chapeuzinho ser o que é, tornando-a inesquecível para muitas pessoas. As piadas de Joãozinho, os causos, os contos populares, as fábulas de Esopo ou até mesmo formas modernas como alguns desenhos animados concentram seu fascínio em grande parte nesta operação. A relação que temos com estas formas narrativas fundamenta-se num mistério que pode ser resumido em uma palavra: a repetição.

Por que amamos assistir pela enésima vez aquele manjado episódio do *Chaves*? Por que ouvimos com interesse, mais uma vez, aquela velha história contada por nossa tia que mora no interior? Muitos estudiosos, dentre os quais Gilles Deleuze e Kendall Walton¹, afirmaram que a repetição nunca é a reprodução do mesmo; pelo

¹ De Deleuze, ver *Diferença e repetição* (Rio de Janeiro, Graal, 2009). De Kendall Walton, ver o ensaio “Temores fictícios”, presente na coletânea *Teoria contemporânea do cinema: pós-estruturalismo e filosofia analítica*, vol. 1 (São Paulo, Senac, 2005), organizada por Fernão Ramos.

contrário, ela pode engendrar o novo e mesmo representar uma força transgressora do *establishment*. De qualquer forma, seja isso verdade ou mentira, o que qualquer um de nós sabe, inclusive de forma acentuada as crianças, é que a repetição é uma imensa fonte de prazer. À criança a repetição expressa, em muitas situações lúdicas, uma confirmação de um sentimento de posse, de um saber que foi adquirido. Repetir, imitar é natural ao homem, como bem sabia Aristóteles², sendo que desse processo o homem extrai prazer e aprendizagem. Excetuando situações patológicas de compulsão à repetição, no indivíduo adulto o prazer da repetição difere daquele da criança apenas em grau, dada a dificuldade que o adulto tem de entregar-se livremente às atividades lúdicas. Diante de uma narrativa de estrutura reiterativa, o adulto se sente num terreno conhecido, domesticado, que lhe garante a posse simbólica de um bem. Este bem é a sensação de demiurgia que lhe dá um sentimento de superioridade em relação aos personagens que ele observa. O leitor ou expectador torna-se uma espécie de pequeno deus que olha com sentimento de posse e intimidade aquele mundinho tão ao seu alcance.

Além da repetição: os caprichos da Mãe Natureza

É muito difícil encontrarmos um desenho tão repetitivo, com esquemas tão reiterativos, *gags* de boa qualidades mas tão rotineiras, quanto *Papa-Léguas e Coiote* (*Wile E. Coyote and the Road Runner*). O desenho, criado por Chuck Jones para a Warner Bross em 1949, possui em sua versão clássica, que vai até a década de 1960, 40 episódios de curta-metragem e um filme de 26min, de 1963, intitulado em inglês *Adventures of Road Runner*.

Limitado em seu número de episódios, em suas *gags* e em seus esquemas narrativos, como um desenho da distante década de 40 do século XX ainda

² Ver “Poética”. In: *Aristóteles*. São Paulo: Nova Cultural, 1987 (Col. Os Pensadores).

consegue produzir um relativo encanto nas plateias do século XXI? Uma explicação que recorra ao caráter ambivalente da repetição e do prazer lúdico que dela se extrai parece não esgotar a matéria. Pode explicar os fatores psicológicos (prazer) e quiçá políticos (transgressão) que geram interesse pelo filme, mas não justificará por que outras séries animadas que abusam de estruturas reiterativas caíram no esquecimento.

Edgar Morin também tem uma boa explicação, que pode nos ajudar a compreendermos este caso. Segundo Morin³, a contradição que impulsiona a cultura de massa centra-se na dicotomia entre padronização e invenção: há sempre nos produtos dirigidos às massas a luta da afirmação autoral contra o “conformismo padronizado”. Mormente nos dias de hoje, subsumir toda produção massiva ao ditame homogeneização banalizante não passa de uma atitude unilateral, reveladora de preguiça e irresponsabilidade intelectual.

Acentuei, até agora, sem recorrer a nenhuma análise empírica, a dimensão padronizadora dos curtas de Papa-Léguas e Coiote. O arsenal de *gags* em que são rompidas ironicamente as leis da Física e que resultam nos desastres pessoais do Coiote em meio ao deserto e às autoestradas é tão limitado e autoexplicativo que nos dispensa uma descrição exaustiva. Em todos os episódios, Coiote fará uma armadilha que é um prodígio de sagacidade e raciocínio calculado, a fim de pegar o Papa-Léguas e saciar a fome, porém a única vítima de tais armadilhas será ele mesmo: seu corpo será trucidado sistematicamente por dinamites, quedas em abismo ou atropelamento por trens. A falha nem sempre está no ardil, frequentemente a natureza é que o trai. Para o Coiote, a natureza estabelece um regime de exceção cruel.

Gags limitadas, sim, porém funcionais – e que já faziam o riso de plateias mundiais desde Buster Keaton e o poético e inverossímil final de *O aeronauta* (1923), onde também a natureza abre suas exceções. Mas, se concordarmos com

³ Ver *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo* 1 (Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1997)

Edgar Morin, onde reside o diferencial, o esforço autoral, do desenho? Diria que num recurso: a sátira. E acrescentaria que a sátira aparece em duas dimensões no desenho: na paródia a um determinado gênero de animação e na derrisão à racionalidade técnica.

Papa-Léguas e Coiote foi concebido, conforme afirma seu criador Chuck Jones⁴, como paródia aos desenhos do gênero *gato e rato* (*cat and mouse cartoon*), a exemplo do arqui-famoso Tom & Jerry. Trata-se, portanto, de uma paródia em segundo grau. O deslocamento do espaço, de residências urbanas modernas para o deserto, e a substituição de animais domésticos por animais silvestres dão à animação um adicional de grotesco e de inusitado. E, acrescentaria, de uma atemporalidade que não apenas facilita a identificação de nós espectadores com as personagens como também nos faz vê-los mais facilmente como arquétipos. Na eterna luta de Wile Coiote para capturar o Papa-Léguas é demasiado óbvia a alegorização do embate entre Natureza e Cultura.

Hominizado, recebendo inclusive um nome próprio, Wile Coiote arma os estratagemas mais engenhosos para capturar o Papa-Léguas, cuja única virtude é um dom natural: a rapidez com que corre. Eis aqui armada a tragicomédia: o velocista idiota, cuja única articulação verbal é um enfadonho “Bip! Bip!”, escapa e humilha o leitor⁵ e inventor Wile. A natureza jamais se rende à razão humana; a ordem da cultura não abarca, em sua plenitude, os mistérios da natureza; o instinto zomba das normas públicas e da razoabilidade. O herói trágico, dominado pelo espírito da desmedida (*hybris*), desafiava os deuses e cedo ou tarde sentia a mão pesada do destino lhe esmagar, como vingança dos habitantes do Olimpo; Wile Coiote converte a tragédia em farsa, substituindo os motivos nobres que moviam o herói trágico pela bagatela de uma ave no deserto, e sente, literalmente, o peso da

⁴ Conferir em: <

https://web.archive.org/web/20081007045935/http://looneytunes.warnerbros.com/stars_of_the_show/wile_roadrunner/wile_story.html>.

⁵ Em vários episódios da série Wile Coiote aparece lendo.

natureza sobre si. Confia na razão num mundo em que as leis da Física e a lógica falham para lhe punir.

Wile Coiote é um racionalista ingênuo, que acredita na regularidade dos fenômenos naturais quando estes teimam em lhe negar tal coisa; não percebe que a essência do mundo é irracional e imprevisível; cegou pela fidelidade ao espírito de cálculo. Prova cabal desta cegueira é sua persistência no uso dos produtos da ACME. Através dos produtos sempre falhos da fictícia empresa ACME, Chuck Jones e sua equipe erigiram umas das sátiras mais hilárias no domínio da animação às ambições da razão técnica. Via ACME, Coiote transforma a técnica e a tecnologia em fetiches, tornando-se escravo delas.

Se nos *cat and mouse cartoons* que Papa-Léguas e Coiote satiriza o gato pode às vezes vencer – não a guerra, mas algumas batalhas – ou pode haver uma trégua provisória entre felinos e roedores, no desenho em tela Wile jamais vencerá a ave corredora em certame algum, menos ainda irá capturá-la pra saciar sua fome. Sabemos, de antemão, que ele sempre perderá; o Papa-léguas é o impossível que Wile persegue, talvez não em vão, já que se torna o fundamento que lhe impulsiona a vida. É a vontade cega schopenhauriana que o manipula sorratamente, fazendo-lhe aderir à vida, ainda que se trate de uma vida similar a de Sísifo, isto é, uma vida condenada à repetição absurda e à catarse sempre inconclusa.

Desejo metafísico

O desejo maior de Wile Coiote é comer o Papa-Léguas assado? Penso que não. Como muitos vilões, embora Wile seja um vilão *sui generis*, ele deseja as virtudes do Papa-Léguas, encarnação da natureza cega. Ele deseja ser natureza para desvendar-lhes os mecanismos íntimos e submetê-la à técnica; deseja domesticar

seus fantasmas interiores, a sombra junguiana⁶, e se reconciliar consigo mesmo. É vítima do que René Girard⁷ chama *desejo metafísico*: não deseja o Papa-Léguas, mas o *ser* daquela ave; precisa sacrificá-la e canibalizá-la não para matar a fome, mas sim para se reconciliar com a caprichosa Mãe Natureza. No íntimo de Wile E. Coiote pulsa uma veia quixotesca – e talvez seja esta veia o motivo de simpatizarmos com ele e considerarmos o seu rival Papa-Léguas um chato de galochas.

Wanderson Lima é professor e escritor, com interesse em temas ligados à literatura e ao cinema. Doutor em Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e professor do Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. E-mail: wandersontorres@hotmail.com.

⁶ Sobre o conceito de “sombra” em Jung, ver a excelente coletânea *Encuentro con la sombra: el poder del lado oscuro de la naturaleza humana* (Barcelona, Editorial Kairós, 1991), com textos do próprio Jung além de Joseph Campbell, Ken Wilber e outros.

⁷ Ver *Mentira romântica e verdade romanesca* (São Paulo, É Realizações, 2009).